

## ARTIGOS

Motrivivência Ano XVII, Nº 25, P. 17-35 Dez./2005

# CULTURA CORPORAL E TERRITÓRIO: uma contribuição ao debate sobre reconceptualização curricular.

Celi Nelza Zulke Taffarel<sup>1</sup>  
David Romão Teixeira<sup>2</sup>  
Adriana D'Agostini<sup>3</sup>

### Resumo Abstract

A formação dos professores é problematizada a partir das relações gerais trabalho-capital que se expressam no trabalho pedagógico e no trato com o conhecimento e na singularidade das relações cultura corporal-território que se expressam nas práticas corporais, esportivas e de lazer. É proposta a organização do trabalho pedagógico no currículo a partir do sistema de complexo temático cujo ponto central é o trabalho socialmente útil e o programa escolar como programa de vida de seus sujeitos.

Palavras - chave: formação dos professores; cultura corporal; território.

The formation of the professors is problematizada from the general relations work-capital that if they express in the pedagogical work and the treatment with the knowledge and in the singularity of the relations culture corporal-territory that if they express in practical the corporal ones, sportive, of leisure. The organization of the pedagogical work in the resume from the thematic complex whose central point is the socially useful work and the pertaining to school program is proposal as life program.

Keywords: formation of the professors; corporal culture; territory

<sup>1</sup> Professora Titular Dr<sup>a</sup>. da FACED/UFBA – Coordenadora do LEPEL, pesquisadora CNPQ.

<sup>2</sup> Professor especializando do LEPEL/FACED/UFBA.

<sup>3</sup> Professora Mestre Doutoranda da FACED/UFBA, bolsista CAPES.

## Introdução

Este estudo faz parte de um trabalho monográfico e insere-se na Linha Educação, Cultura Corporal e Lazer do programa de Pós-Graduação em Educação da FAGED/UFBA, Grupo de Pesquisa LEPEL/FAGED/UFBA – na linha de Educação, Esporte e Lazer na Cidade e no Campo e trata do currículo de formação de professores, investigando-o a partir da organização do trabalho pedagógico e do trato com o conhecimento. Parte de constatações já sistematizadas na literatura, presentes em dissertações, teses, das experiências e vivências do Grupo LEPEL em suas ações curriculares em comunidades e atividades em conjunto com os Movimentos Sociais e pesquisadores de diversas áreas do conhecimento.

Considera-se os estudos de Santos Jr. (2005) sobre a avaliação do oferecimento de cursos de Licenciatura em Educação Física na Bahia (UFBA, UEFS, UCSal) e as contradições presentes nestes cursos no trato com o conhecimento, expressas na dicotomia teoria-prática, na diluição e fragmentação do conhecimento em um currículo extensivo e ainda, na superficialidade e não rigorosidade nas abordagens teóricas. Considera-se ainda a contradição identificada em estudos anteri-

ores como de Abadio (1982) sobre formação de professores que demonstram que os currículos estão organizados de forma a fomentar uma formação a-histórica, acrítica, apolítica e acientífica. Considera-se também as contribuições de Saviani (1973), que demonstra que uma reflexão pedagógica somente pode ser assim considerada se for radical, de totalidade e de conjunto. Por fim, considera-se o debate teórico sobre a crítica a didática e a organização do trabalho pedagógico apresentada por Freitas (1995).

Com estes elementos é possível problematizar o campo da formação de professores, da organização do trabalho pedagógico e o trato com o conhecimento a partir do que nos perguntamos: existem condições objetivas para concretizarmos outra perspectiva de organização do trabalho pedagógico e do trato com o conhecimento que permita um conhecimento ampliado sobre necessidades vitais para a humanidade, como o é a necessidade de alteração das relações gerais “trabalho-capital”, em particular as relações “homem - território” e, singularmente as relações “cultura corporal - meio ambiente”, “cultura corporal - água”, “cultura corporal - terra”? Como podemos propor o trato com o conhecimento no currículo de formação de professores de maneira a possibilitar uma com-

preensão da totalidade das relações que estão estabelecidas hegemonicamente no modo de produção capitalista e que são relações cujo padrão é a dominação, exploração, alienação? Como podemos propor diretrizes de formação de professores pautadas no sistema de complexos temáticos relacionados à cultura corporal e território?

## Desenvolvimento

A Educação Física passa por uma crise epistemológica que se reflete nos currículos e que atualmente está mais acentuada em decorrência do abandono da teoria do conhecimento dialética materialista histórica e da adesão a teorias pós-modernas. Tal acirramento se reflete, portanto, no debate a respeito das relações sujeito-objeto e na delimitação do objeto de estudo da área apontadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais aprovadas.

Defendemos que o objeto de estudo da Educação Física é o conjunto de práticas corporais (jogos, brincadeiras, ginástica, lutas, esporte e outros) construídas historicamente pelo homem, em tempos e espaços determinados historicamente, sistematizadas ou não, que são passadas de geração a geração. Provisoriamente, denominamos essa área de conhecimento que se cons-

trói a partir das atividades corporais de "Cultura Corporal".

Entendendo que a cultura é produto da relação do homem com a natureza, com seus semelhantes e consigo mesmo, portanto, construída social e historicamente ao longo da existência humana, compreendemos o trabalho como mediador da construção da cultura de um povo, destacando, segundo Marx (1985), que o trabalho assume duplo caráter no modo de produção capitalista, é, por um lado fator essencial na constituição do ser humano, e por outro, caracteriza-se como trabalho alienado dentro do ordenamento da produção através da propriedade privada dos meios de produção.

Ainda segundo Marx, citado por Andery:

O homem é parte da natureza, mas não se confunde com ela (...) o homem diferencia-se da natureza, já que usa a natureza transformando-a conscientemente segundo suas necessidades e, nesse processo faz-se homem. (...) A simples compreensão da natureza não leva à compreensão do homem, mas, ao mesmo tempo, a compreensão do homem implica necessariamente a compreensão de sua relação com a natureza, já que é nessa relação que o homem constrói e transforma a si mesmo e a própria natureza. (MARX apud ANDERY, 2001:403)

Seguindo essa mesma lógica, a cultura corporal é fruto do desenvolvimento do homem, e assim, submetida às relações da produção econômica, conferindo a ela algumas particularidades que serão determinadas pelas relações homem-terra (meio em que vive), e isto da acumulação primitiva, aos latifúndios, até a disputa territorial interimperialista. Podemos observar tal assertiva, quando Argelès trata a cultura corporal como fenômeno social:

A cultura corporal na história da sociedade humana, é um fenômeno multiforme: parte integrante das relações sociais, a sua evolução depende essencialmente do caráter das forças produtivas e das relações de produção das classes sociais e das relações que elas têm entre si. A evolução e o caráter da cultura corporal são marcados pelos laços com a produção material, a ideologia e a política, a cultura e a ciência, a moral e a arte... (ARGELES, 1977: 66)

Compreendemos como forças produtivas e relações de produção, a ação do homem na produção social de sua vida, estabelecendo relações definidas indispensáveis e independentes de sua vontade, relações de produção que corresponsabilizam a um estágio definido do desenvolvimento de suas forças

produtivas materiais. A soma total dessas relações de produção constitui a estrutura econômica, a base real sobre a qual se ergue uma superestrutura jurídica e política (MARX, 1983).

A partir deste conceito é que se faz necessário iniciar a discussão sobre o espaço onde o homem se desenvolve, seus acirramentos e as relações de poder existentes. De acordo com Santos (2000:21), o território é a instância da sociedade, onde fica visível o drama de uma nação e que revela as suas contradições muito mais fortemente. Fernandes (2006) em seus estudos irá caracterizar o território como:

o espaço apropriado por uma determinada relação social que o produz e o mantém a partir de uma forma de poder. Esse poder, como afirmado anteriormente, é concedido pela receptividade. O território é, ao mesmo tempo, uma convenção e uma confrontação. Exatamente porque o território possui limites, possuem fronteiras, é um espaço de conflitualidades. (FERNANDES, 2006).

Nos apropriamos para aprofundar esse diálogo com a geografia da definição de território de Milton Santos sintetizado por Bordo et al.:

Como uma abordagem política considerando-o “o nome político para o espaço de um país”. O espaço, muito mais amplo, seria a totalidade, englobando a configuração territorial, a paisagem e a sociedade. O território passa a ser formado no desenrolar da história, com a apropriação humana de um conjunto natural pré-existente. Além dos aspectos políticos, o autor também realça a importância dos aspectos sociais, econômicos e culturais entrelaçados em virtude do movimento da sociedade no decorrer dos diversos momentos históricos e do desenvolvimento das técnicas, chegando à conclusão de que o trabalho é um dos pontos fortes para compreensão do território. (BORDO et. al. 2006).

Para fortalecer a ação mediadora do trabalho na relação homem/território, utilizamos a contribuição de Marx (1989), no que se refere ao trabalho enquanto base da sociedade, e como característica fundamental do homem, tendo-o como categoria essencial para não apenas explicar o mundo e a sociedade, mas sim para transformá-los.

É importante lembrar ainda que o homem não participa desta relação como indivíduo isolado, mas como membro de uma comunidade. Desta forma, sua existência será influenciada e influenciará na sua organização em coletivos, que

mediaram às condições objetivas do trabalho e a sua forma de apropriação ou propriedade da terra. (QUAINI,1979:68).

Tendo o território como espaço das relações de poder, e compreendendo que a apropriação da cultura se dá na mesma relação, Leontiev, aponta:

que a desigualdade não se apóia nas diferenças biológicas naturais, antes é criada pelas desigualdades de classe e pela diversidade consecutiva dos contactos que ligam os homens às aquisições que compõem o conjunto das forças e das aptidões da natureza humana, formadas no decurso do processo sócio-histórico. (LEONTIEV,1977:63)

Assim, reconhecemos que os nexos e determinações entre território, cultura corporal apresentam a possibilidade de compreender o processo de construção do conhecimento em sua perspectiva histórica, determinada pelas relações que os homens constroem no processo de produção de sua existência. Santos (1997:25) aponta para uma ontologia do espaço, que implica a natureza, as técnicas, o movimento da produção e da vida através dos objetos e das ações. Para este autor, as técnicas são construções históricas e sociais que se materializam por um sistema de objetos e um sistema de ações. Como já foi dito, a

principal forma de relação entre o homem e o meio é materializada pela técnica, ou seja, as técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo cria o espaço. A técnica implica a noção de intencionalidade, que não é apenas válida para rever a produção do conhecimento na área, mas é igualmente eficaz na contemplação do processo de produção e reprodução das coisas, considerado como um resultado da relação entre o homem o homem e mundo, entre o homem e o seu entorno.

Para Santos (1997:76) a ação é tanto mais eficaz quanto os objetos são mais adequados. Então, à intencionalidade da ação se conjuga a intencionalidade dos objetos e ambas são hoje, dependentes da respectiva carga de ciência e de técnica presente no território. Entendendo assim como Marx (Grundrisse, Caderno M) que tanto as ações como os objetos são construções históricas e sociais que resultam das necessidades naturais ou criadas. Essas necessidades: materiais, imateriais, econômicas, sociais, culturais, morais e afetivas é que conduzem os homens a agir. Porém quanto aos objetos é ainda necessário esclarecer que se o homem por seu trabalho não transmite vida (utilidade) a coisa, o objeto permanecerá sempre como tecnologia e não como economia. As

forças materiais só se tornam produtivas pelo trabalho humano. Portanto, a técnica é parte do território, é um elemento de sua constituição e de sua transformação.

Desta maneira justifica-se a importância da relação homem/território, entendendo-o como gênese da produção humana, o que segundo Quaini (1979) é a

visão da história como história da separação do produtor dos seus meios de produção e das suas condições de trabalho, ou seja, a história de expropriação do homem em relação à natureza e a comunidade primitiva ou material, que em termos geográficos pode ser expressa como progressiva dissociação do homem em relação ao território, após a transformação do território de valor de uso em valor de troca ou mercadoria. (QUAINI, 1979: 66)

Leontiev ainda reforça:

Tal separação toma, primeiramente, uma forma prática, a da alienação econômica dos meios de produção e dos produtos do trabalho em face dos produtores imediatos, o que começa com o princípio da divisão social do trabalho, das formas de propriedade privada e da luta de classes... O produto muito embora fabricado pelo homem, perde, portanto, seu caráter con-

creto de atividade humana. Toma um caráter completamente impessoal e começa a ter uma existência especial, independente do homem, a de uma mercadoria. (LEONTIEV, 1977: 63)

Avançando na discussão da cultura, e da cultura corporal no caso específico, observamos como fatores determinantes no seu desenvolvimento: a luta de classes, e a relação com o território. Como exemplo disso Argelès (1977) comenta:

É a classe dominante que decide da extensão e da intensidade das atividades físicas, que decide dos seus fins e dos seus meios; de acordo com seus interesses, ela define assim o círculo dos portadores e dos beneficiários de uma cultura corporal. Notando, finalmente, o aparecimento, em fins do século XIX, de uma cultura corporal proletária, evidencia-se que o caráter de classe, inerente nas idéias as formas da cultura corporal, se exprime nas classes dominantes tanto como nas oprimidas. (ARGELÈS, 1977: 67).

Em tempos de aprofundamento da mundialização do capital, surge uma forte tendência à uniformização, à submissão de culturas em detrimento de uma cultura única que não é fruto exclusivo da relação homem/território, e sim algo

de origem externa desta relação. O que causa grandes transtornos intencionais nas variáveis desta relação, no caso o homem e o território, como afirma Santos (1997):

A busca da mais-valia ao nível global faz com que a sede primeira do impulso produtivo (que é também destrutivo, para usar uma antiga expressão de J. Brunhes) seja apátrida, extraterritorial, indiferente às realidades locais e também às realidades ambientais. (SANTOS, 1997:202):

O território por sua vez, apresenta características próprias (como espaço de liberdade e dominação, e de expropriação e resistência) que em conjunto com as contingências do “meio associado” impossibilitam a homogeneização desejada pela globalização atual. (SANTOS, 1977).

No seu desenvolvimento, o homem cria e recria formas de enfrentar os desafios impostos pelo meio que o cerca, e ao longo da história acumula experiências que são transmitidas de geração para geração, ou seja, o conhecimento e as técnicas, sendo que nem todos têm a possibilidade de acessá-los. Os bens materiais é que determinam a apropriação dos bens culturais, numa sociedade dividida por classes onde a minoria da população é que

detém o controle do sistema de produção de bens, o desenvolvimento cultural fica de acordo com interesse dessa elite, a qual através dos meios de produção direciona o quê cada classe deverá se apropriar. Contudo, o mesmo sistema que expropria a maioria da população dos bens culturais e materiais, serve dentro de suas contradições de estímulo para a construção de uma nova realidade.

Com isto fica evidente que o primeiro pressuposto de toda a história humana, conforme defende Marx (1999):

é naturalmente a existência de indivíduos humanos vivos, portanto, o primeiro ato histórico destes indivíduos que se distinguem dos animais, não é o fato de pensar, mas o de produzir seus meios de vida, passo este que é determinado pela sua organização corporal, o que depende da natureza, dos meios de vida já encontrados e que tem que reproduzir. (MARX, 1999, p. 27)

Nesse contexto o trabalho enquanto protoforma humana ganha maior importância, pois ao mesmo tempo é produtor e criador das relações de poder, apresenta as possibilidades de superação da condição atual de exploração e exploração do homem com o homem e com o meio que o cerca. Fica demonstra-

do, assim, que se há uma anterioridade da vida material sobre as idéias, esta não ocorre de forma estanque, e sim dialética, como nos demonstram Marx e Engels (1999, p.56): “as circunstâncias fazem os homens, mas os homens fazem as circunstâncias”.

A divisão social do trabalho se torna responsável pela materialização do trabalho na sociedade capitalista, enquanto trabalho alienado, que por sua vez irá refletir na cultura corporal os resultados do trabalho alienado, impossibilitando ao homem apropriar-se de forma autônoma dos elementos culturais construídos na relação do homem com a natureza no processo de produção da vida.

De acordo com Santos:

A divisão social do trabalho é frequentemente considerada como a repartição (ou no Mundo, ou no Lugar) do trabalho vivo. Essa distribuição, vista através da localização dos seus diversos elementos, é chamada de divisão territorial do trabalho. E a divisão social do trabalho não pode ser explicada sem a explicação da divisão territorial do trabalho, que depende, ela própria, das formas geográficas herdadas. (SANTOS, 1997:112-113)

Ainda segundo o mesmo autor:

... a divisão territorial do trabalho cria uma hierarquia entre lugares e redefine, a cada momento, a capacidade de agir das pessoas, das firmas e das instituições. (SANTOS,2005:21)

O território definirá como será a organização da divisão social do trabalho, ao mesmo tempo, que a divisão territorial será responsável por redefinir o próprio território. Sendo assim, o território é central para compreensão das diferentes formas de desenvolvimento cultural nos diversos territórios, e também dentro de um mesmo território. Para exemplificar podemos mencionar que vivemos atualmente sob a ameaça das mudanças climáticas, influenciadas pela ação humana conforme comprovam estudos e debates internacionais do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas). O cientista Brent Blackwerder, presidente da organização Amigos da Terra denuncia que o aquecimento global está afetando tudo o que vive e respira no planeta. Grandes tempestades, furacões, ciclones, chuvas em grande quantidade, enchentes, etc.. Algumas nações desaparecerão totalmente, segundo Blackwerder: "Isto é o que nos acontecerá, e será pior do que imaginamos, se não começarmos a nos tornar inteligentes".

Em 1992, no Rio de Janeiro, ocorreu a Conferência Eco 92

"Cúpula da Terra", onde 175 países assinaram a Convenção sobre Mudanças Climáticas. O objetivo era reduzir a níveis seguros as concentrações de gases de efeito estufa (GEE) na atmosfera. O Protocolo de Kioto adotado em 1997 classificava os seis gases de efeito estufa produzidos por atividades humanas: dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>), metano (CH<sub>4</sub>), óxido nitroso (N<sub>2</sub>O), hidrofluorcarbonos (HFCs), perfluorcarbonos (PFCs) e hexafluoreto de enxofre (SF<sub>6</sub>). O acordo entre os países industrializados era de reduzir as emissões de GEE em 5,2%, entre 2008 e 2012, em relação aos níveis verificados em 1990. A necessidade vital atual é de redução de 60% da expedição de tais gases para conter os riscos de mudanças climáticas. Somente em 16 de fevereiro de 2005 o Protocolo passa a ser um Tratado, necessitando para tanto da aprovação de países que representassem pelo menos 55% das emissões mundiais de carbono. Os Estados Unidos da América do Norte até hoje não assinaram o Tratado de Kioto e as catástrofes humanas provocadas nos Estados Unidos pela reação da natureza (Katrina) aliado às políticas neoliberais de sucessivos governos (Bush a Bush), demonstram as relações imbricadas entre homem e natureza e a necessidade da alteração do atual padrão de relação baseado no trabalho alienado.

Tornar-se inteligente, portanto, significa em última instância, alterar radicalmente as relações do homem com a natureza e com os outros seres humanos, superando o que Marx denomina de fase pré-histórica das relações possíveis à humanidade. E este não é um processo que se dará por si só. Exigirá a transição de uma época histórica para outra qualitativamente diferente.

Para exemplificar a centralidade do território no desenvolvimento da cultura corporal, podemos identificar as diferenças presentes nas regiões do Brasil. Milton Santos faz referência aos quatro brasis, divisão essa marcada pela difusão diferencial do meio técnico-científico informacional e nas heranças do passado: uma região concentrada, formada pelo sudeste e pelo sul, o Brasil nordeste, o Brasil Centro-Oeste e a Amazônia. (SANTOS, 2005:268).

Se tomarmos como referência o esporte enquanto componente da cultura corporal podemos identificar as suas manifestações enquanto prática educativa, de lazer, de competição, de espetáculo nestas regiões. Diagnósticos da Educação Física/Desporto no Brasil, realizados durante o regime militar (1969), o Atlas do Esporte no Brasil (2005), coordenados por DACOSTA, bem como o Censo do Esporte Brasileiro (IBGE, 2006) demonstram o quanto é concentrado no sul e su-

deste, tanto as condições objetivas para tais práticas, a capacidade de organização, a capacidade de produção do conhecimento científico e a formação profissional para atuação em tal campo de trabalho, em detrimento das outras regiões. A região concentrada (São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) como o próprio nome diz, apresenta as condições mais adequadas para o desenvolvimento das práticas corporais e esportivas, condições essas de infra-estrutura, de profissionais, e de condições de financiamento. Isso se comprova, no caso do esporte, um dos elementos da cultura corporal mais em evidência no atual período de globalização, através da concentração da forma hegemônica do mesmo (o de alto rendimento) nesta região. Os grandes centros de treinamento, clubes, federações, confederações, centros de formação profissional e de produção do conhecimento científico que se aglomeram em apenas sete Estados do país, fazendo com que os recursos destinados ao esporte se centralizem nesta pequena região.

Portanto, compreender a realidade das práticas corporais em nosso país exige muito mais do que a abordagem de dimensões biológicas e psicológicas de tais atividades. Isto nos leva a defender novas diretrizes para a educação física no Bra-

sil. A partir daí apresentamos para o debate público uma contribuição, em forma de um arrazoado, para substituir o teor do Parecer 138 do CNE e seu dispositivo posterior Parecer CNE/CES 58/2004, de 18 de fevereiro de 2004 que subsidiou a Resolução N° 7, de 31 de março de 2004. Defendemos a revogação de tais diretrizes aprovadas pelo CNE e apresentamos outra proposição superadora.

Os argumentos aqui colocados que explicitam uma concepção de sociedade, projeto histórico, educação, formação humana, cultura corporal estão assentados na teoria do conhecimento materialista histórica dialética. Os argumentos apresentados servem para contribuir com o debate local e nacional que está sendo travado, uma vez que existem posições antagônicas acerca da matéria e que interesses opostos estão determinando a disputa de projetos de formação humana e de sociedade, o que não pode ser desconhecido, principalmente no momento em que está em curso a construção do “consenso possível”, que deve ser rechaçado uma vez que fundamenta as diretrizes em base explicativa reacionária e conservadora.

Defendemos que o conhecimento é fruto da práxis humana e a origem dos conteúdos decorre da atividade prática do homem para atender interesses específicos de classes sociais específicas. Os fenô-

menos da realidade são parte de um processo inerente ao desenvolvimento histórico geral e por isso a cientificidade e historicidade do processo cognitivo. O pensamento teórico científico explica que a base e o critério para separar as classes de objetos são os diferentes tipos de atividades encaminhadas a satisfazer necessidades sociais. Assim faz-se evidente que o objeto de estudo da Educação Física é o fenômeno das práticas cuja conexão geral ou primigênia – essência do objeto e o nexos interno das suas propriedades – determinante do seu conteúdo e estrutura de totalidade, é dada pela materialização em forma de atividades – sejam criativas ou imitativas – das relações múltiplas de experiências ideológicas, políticas, filosóficas e outras, subordinadas às leis histórico-sociais.

O geral dessas atividades é que são valorizadas em si mesmas; seu produto não material é inseparável do ato da produção e recebe do homem um valor de uso particular por atender aos seus sentidos lúdicos, estéticos, artísticos, agonísticos, competitivos e outros relacionados à sua realidade e às suas motivações. Elas se realizam com modelos socialmente elaborados que são portadores de significados ideais do mundo objetal, das suas propriedades, nexos e relações descobertos pela prática social con-

junta. No momento damos, a essa área de conhecimento que se constrói a partir dessas atividades, a denominação de “Cultura Corporal” (TAFFAREL E ESCOBAR).

Propomos que os currículos plenos para os Cursos de Licenciatura Ampliada em Educação Física, tenham como objeto de estudo a cultura corporal e, que o eixo articulador do conhecimento seja a prática social (práxis) fundamentada na matriz científica da história.

Propõem-se que os conhecimentos sejam tratados por sistemas de complexos temáticos (PISTRAK, 2000) e relacionados a: Conhecimentos de Formação Ampliada, Conhecimento Identificador da Área e Conhecimento Identificador do Aprofundamento de Estudos.

Os Conhecimentos de Formação Ampliada são aqueles que permitem uma compreensão de conjunto, radical e de totalidade comum a qualquer tipo de formação profissional. Compreendem os estudos acerca das relações do ser humano com a natureza, com os demais seres humanos na sociedade, com o trabalho e com a educação.

O Curso de Licenciatura Ampliada em Educação Física, nesta parte, será guiado pelo critério da orientação científica, da integração teoria-prática e pelo critério do conhecimento das relações do ser humano, do mundo do trabalho, da

cultura corporal e da sociedade. Isto possibilitará uma formação abrangente para a competência profissional de um trabalho em contextos histórico-sociais específicos, promovendo um contínuo diálogo entre as áreas de conhecimento científico e a especificidade da Educação Física. Guiar-se-á, também, pelo estudo das distintas manifestações clássicas e emergentes da cultura corporal & esportiva, identificadas com a tradição da Educação Física.

O Conhecimento Identificador da Área compreende o estudo das relações entre cultura corporal e natureza humana, cultura corporal e território, cultura corporal e mundo do trabalho, cultura corporal e política cultural.

Os Conhecimentos Identificadores do Aprofundamento do Estudo serão delimitados por cada Instituição de Ensino Superior (IES), partindo de sua capacidade de investigação, de sua instalação de grupos de pesquisa, de seus programas de pós-graduação integrados com a graduação e fundamentalmente da territorialidade. Desta estrutura de organização e sistematização do conhecimento, a IES poderá propor um ou mais campos de aprofundamento de estudos, de acordo com suas investigações, grupos e linhas de estudos e pesquisas a ser organizado a partir dos complexos temáticos.

O sistema de complexo temático foi desenvolvido por Pistrak

(2000), educador russo que defendia à Revolução Socialista e propunha a organização do trabalho pedagógico através de um sistema que garante uma compreensão da realidade atual de acordo com o método dialético pelo qual se estudariam os fenômenos ou temas articulados entre si e com nexos com a realidade mais geral, numa interdependência transformadora. O complexo, segundo Pistrak, deveria estar embasado no plano social, permitindo aos estudantes, além da percepção crítica real, uma intervenção ativa na sociedade, com seus problemas, interesses, objetivos e ideais.

Pistrak nos apresenta o ensino pelo sistema dos complexos pelo qual se estudam os fenômenos agrupados, enfatizando a interdependência transformadora, essência do método dialético. Isso o leva a enfatizar o princípio ativo e a aplicação do princípio da pesquisa ao trabalho escolar, condição para a transformação do conhecimento e concepções ativas. Pistrak concebe a escola do trabalho como um instrumento que capacite o homem a compreender seu papel na luta internacional contra o capitalismo, o espaço ocupado pela classe trabalhadora nessa luta e o papel de cada um, no seu espaço – território, para travar a luta contra as velhas estruturas. Uma vez que a realidade atual se dá na forma da luta de classes,

trata-se de penetrar nessa realidade e viver nela – daí a necessidade da escola educar os jovens conforme a realidade do momento histórico –, compreendendo-a e, por sua vez, transformando. Caldart (In: PISTRÁK, 2000, p.08) destaca que a maior contribuição de Pistrak foi ter compreendido que para transformar a escola, para colocá-la a serviço da transformação social, não basta alterar os conteúdos nela ensinados. “É preciso mudar o jeito da escola, suas práticas e sua estrutura de organização e funcionamento, tornando-a coerente com os novos objetivos de formação dos cidadãos, capazes de participar ativamente do processo de construção da nova sociedade”.

Três são os aspectos centrais que se destacam na obra de Pistrak: “as reflexões sobre a relação entre a escola e o trabalho; a proposta de auto-organização dos estudantes e; a proposta de organização do ensino através dos complexos temáticos”. Pistrak defendeu intransigentemente a revolução socialista e o método dialético, materialista e histórico para a educação.

## Conclusão

A partir dos elementos problematizados neste artigo em relação a formação de professores, apon-

tamos uma proposta concreta de reorganização do trabalho pedagógico e o trato com o conhecimento de maneira que nos possibilita dizer que existem condições objetivas para concretizarmos outra perspectiva de organização do trabalho pedagógico e do trato com o conhecimento que permite um conhecimento ampliado sobre necessidades vitais para a humanidade. E que, para isso, é necessário alterar as relações gerais entre “trabalho-capital”, em particular as relações “homem - território” e, singularmente as relações “cultura corporal - meio ambiente”, “cultura corporal - água”, “cultura corporal - terra” através do aprofundamento da área sobre as categorias: cultura corporal e território.

Estas categorias sintetizam o processo de construção histórica e social da humanidade, estabelecendo as relações do homem com a natureza através do trabalho e determinando suas ações frente ao mundo. A construção do mundo da cultura se dá pelas relações de trabalho mediado pela técnica e pelo conhecimento, que por sua vez são passados de geração a geração pelo que chamamos de educação. Portanto, é fundamental compreender que o acervo das práticas corporais é uma construção humana e que a educação física é a possibilidade de acessar e ampliar esse conhecimento.

Partimos do real concreto, propondo que o trato com o conhe-

cimento no currículo de formação de professores se articule em complexos temáticos de maneira a possibilitar uma compreensão da totalidade das relações e contradições que estão estabelecidas hegemonicamente no modo de produção capitalista e que são relações cujo padrão é a dominação, exploração, alienação. Considerando a relação homem natureza e homem/homem a partir da contextualização do território (de acordo com Milton Santos), podemos dizer que é viável e necessário diretrizes de formação de professores pautadas no sistema de complexos temáticos relacionados à cultura corporal e território para uma formação humana voltada a compreensão, problematização, sistematização e transformação da realidade.

Perguntamo-nos, por fim, em que bases formar professores para uma realidade complexa e contraditória que exige a formação humana na perspectiva da omnilateralidade, da emancipação humana e da transformação social – ou seja, na perspectiva da construção do projeto histórico socialista? Para responder a tal desafio apresentamos uma proposição de diretrizes para a formação de professores de educação física, mantida a prevalência da prerrogativa da autonomia universitária, científica e pedagógica.

O Conselho Nacional de Educação aprovou a RESOLUÇÃO N°

7, de 31 de março de 2004 que traça diretrizes para a formação de professores de educação Física no Brasil. Porém nos opomos a tais diretrizes por reconhecer nelas um retrocesso histórico, uma tática de desqualificação do professor durante seu processo de formação acadêmica, dividindo a profissão entre licenciandos e graduandos e, por ignorar proposições teóricas que superam contradições mantidas pelas atuais diretrizes como é a contradição entre formação omnilateral e a formação para competências específicas para mercado de trabalho e não para o mundo do trabalho em franca reestruturação produtiva.

Os principais pontos para uma proposição superadora das diretrizes para a formação de professores de educação física, sob o ponto de vista das categorias cultura corporal e território, são: a compreensão do caráter multidisciplinar que caracteriza a formação e a atividade profissional/acadêmica na Educação Física, como também a necessidade da presença nos currículos de conhecimentos originários tanto do campo das Ciências Biológicas/Saúde como no das Ciências Humanas/Sociais, da Terra, das Ciências Exatas, da Filosofia e das Artes.

Na perspectiva de superar a concepção fragmentada de ciência, propomos como matriz científica a história: a história do homem e sua

relação com a natureza, dos homens entre si e consigo mesmo. Tal proposta assegura-se quando da colocação da primeira pergunta ontológica para compreensão do ser humano – como o homem torna-se homem e como se dá o conhecimento? A relação estabelecida pelo ser humano com a natureza e demais seres, para garantir sua existência, dá-se no curso da história, portanto, somente a partir da história enquanto ciência é possível, tanto apreender e compreender o passado, o presente quanto, o futuro do ser humano - território.

A educação física se caracteriza historicamente pelo trabalho pedagógico no campo da cultura corporal, ou seja, a atividade pedagógica no trato com o conhecimento da cultura corporal. A consolidação desta identidade do professor de educação física para o exercício profissional requer, durante a sua formação acadêmica, de: sólida formação teórica de base multidisciplinar e interdisciplinar na perspectiva da formação omnilateral; unidade entre teoria/prática, que significa assumir uma postura em relação a produção do conhecimento científico que impregna a organização curricular dos cursos, tomando o trabalho socialmente útil como princípio educativo e a práxis social articuladora do conhecimento no currículo; gestão democrática – que

permitam o trabalho com relações de poder democráticas e não autoritárias; compromisso social com ênfase na concepção sócio-histórica do trabalho, estimulando análises políticas sobre as lutas históricas pela superação da sociedade de classes, para que seja garantido o acesso aos bens a todos que dele participam em sua produção, especificamente no campo da cultura corporal.

A intenção é consolidar uma consistente base teórica, fazendo-o a partir da Teoria do Conhecimento que possibilita a construção do conhecimento como categorias da prática, permitindo a organização do conhecimento em ciclos – da constatação de dados da realidade, às sistematizações, generalizações, ampliações e aprofundamentos – configurando os sistemas de complexos temáticos que por sua vez estruturam programas como programas de vida para a formação humana.

Os desafios educacionais são complexos em um país e Estados com desigualdades profundas. A geração destas diferenças pelas desigualdades econômicas, políticas e sociais são históricas, portanto, o esporte e o lazer assim como a educação em geral enquanto política cultural deve contemplar a emancipação humana, tendo como horizonte histórico à sociedade socialista. Sejamos, por fim, capazes de orientar nossas próprias políticas cultu-

rais propondo e dando consequência prática a implementação de diretrizes desenvolvidas com autonomia e autodeterminação de sujeitos históricos, avançando nas contribuições para a formação de professores de educação física para a cidade e o campo, na perspectiva da emancipação humana e social.

Portanto, o grande desafio que nos dispomos a enfrentar diz respeito a como vincular a vida escolar, um programa de vida, e não apenas o seu discurso, com um processo de transformação social, fazendo dela um lugar de educação do povo para que assuma como sujeito a construção de uma nova sociedade. Para nós que estamos defendendo a superação do projeto histórico capitalista, contra a disputa territorial entre países imperialistas e a tendência da destruição das forças produtivas – trabalho, trabalhador, meio ambiente e meios de produção –, e defendendo a transição para além do capital esta é a questão atual que necessita ser aprofundada.

Segundo Mészáros (2005): “Nesse empreendimento, as tarefas imediatas e as suas estruturas estratégicas globais não podem ser separadas ou opostas umas as outras. O êxito estratégico é impensável sem a realização das tarefas imediatas”.

A tarefa imediata é a de alterar as diretrizes para a formação de professores e estamos desenvol-

vendo, discutindo e propondo alterações na organização do trabalho pedagógico e no trato com o conhecimento viáveis, possíveis e necessários. Neste momento, mais diretamente e enfaticamente na reformulação curricular do curso de Educação Física da UFBA, quiçá alcançaremos este avanço na área. Pois o complexo temático "Cultura Corporal e Território" significa um exemplo concreto de tal possibilidade de essência.

## Referências

- ABADIO; Apolônio. Educação Física: Uma formação acrítica. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação em UFSCAR. Área de concentração: Metodologia do Ensino. 1982.
- ADAM, Y. et al. Desporto e desenvolvimento Humano. Lisboa: Seara Nova, 1977.
- ANDERY, Maria Amália et al. Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica. 10ª ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; São Paulo: EDUC, 2001.
- BORDO, Adilson Aparecido. As diferentes abordagens do conceito de território. [http://www2.prudente.unesp.br/eventos/semana\\_geo/adilsonbordo.pdf](http://www2.prudente.unesp.br/eventos/semana_geo/adilsonbordo.pdf). - acessado no dia 8 de março de 2006.
- BOTTOMORE, Tom. Dicionário do Pensamento Marxista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.
- DACOSTA, L. P. Meio Ambiente e Desporto: Uma Perspectiva Internacional. Porto: Universidade do Porto, 1997.
- DACOSTA, L. P. (org.) Atlas do Esporte, Educação Física e Atividades Físicas de Saúde e Lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. Questão Agrária, Pesquisa e MST. São Paulo: Cortez, 2001.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/d16mfernandes.pdf>. - acessado no dia 8 de março de 2006.
- FREITAS; Luiz Carlos. Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática. Campinas/ SP. Papyrus, 1995.
- LÊNIN, V. I. Cultura e Revolução Cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- LEPEL/FACED/UFBA. Minuta de Projeto: Formação Conti-

- nuada de Militantes Culturais de Esporte e Lazer no Campo. Mimeo, 2005.
- LEPEL/FACED/UFBA. Arrazoado: Formação Profissional para os Cursos de Educação Física no Brasil. Mimeo, 2004.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. A Ideologia Alemã (Feuerbach). 11ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. O Manifesto Comunista. 14ª ed.. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- MARX, Karl Contribuição à crítica da economia política. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- MARX, Karl O Capital. 13º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- MARX, Karl Trabalho assalariado e capital. 3º ed.. São Paulo: Global editora, 1985.
- MÉSZÁROS, István. A educação para além do capital. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O Desafio do Conhecimento. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1996.
- MORISSAWA, Mitsue. A história da luta pela terra e o MST. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2001.
- PISTRAK, M.M. Fundamentos da Escola do Trabalho. 1º ed. São Paulo: Expressão Popular, 2000.
- PORTO – GONÇALVES, Carlos W. A Reinvenção dos Territórios: a experiência latino – americana e caribenha. [www.klam.com.br/getin/msal/](http://www.klam.com.br/getin/msal/) - acessado no dia 13 de outubro de 2005.
- QUAINI, Massimo. Marxismo e geografia. 1º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnicas e tempo. Razão e emoção. 2º ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SANTOS, Milton. Território e Sociedade: entrevista com Milton Santos. 2º ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.
- SANTOS, Milton. e SILVEIRA, Maria Laura. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. 7º ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- SAVIANI, Dermeval. Educação: do Senso Comum à Consciência Filosófica. 14ª ed. revista. Campinas: Autores Associados, 2002.
- SIQUEIRA, Juliano. Fundamentos para uma Política Cultural. In: Princípios, nº 25, mai/jun/jul 1992.
- TAFFAREL, Celi Zulke e ESCOBAR, Micheli Ortega. A cultura corporal e os dualismos necessários para a ordem do capital. [http://www.faced.ufba.br/rascunho\\_digital/](http://www.faced.ufba.br/rascunho_digital/). Acessado em 10/03/2006.
- TAFFAREL, Celi Zulke. Desporto Educacional: realidade e possibilidades das políticas governamentais e das praticas pedagógicas nas escolas públicas. IN: Conferência Nacional de Educação, Cultura e Desporto.

- Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001.
- TAFFAREL, Celi Zulke e COLAVOLPE, Carlos Roberto. Sistema de complexo temático: Uma contribuição para o debate de reestruturação curricular do Curso de Educação Física da UFBA. [http://www.faced.ufba.br/rascunho\\_digital/](http://www.faced.ufba.br/rascunho_digital/) - acessado em 10 de março de 2006.
- TAFFAREL, Celi Zulke et al. Diretrizes curriculares para a formação de professores de Educação física para a cidade e o campo [http://www.faced.ufba.br/rascunho\\_digital/](http://www.faced.ufba.br/rascunho_digital/) - acessado em 10 de março de 2006.
- TAFFAREL, Celi Zulke; TEXEIRA, David Romão. Cultura Corporal e Território: sistema de complexo temático para a formação de professores. [http://www.faced.ufba.br/rascunho\\_digital/](http://www.faced.ufba.br/rascunho_digital/) - acessado em 10 de março de 2006.
- THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-ação. SP: Cortez, 2000
- UFBA/ FACED/ LEPEL. Dossiê sobre Reestruturação curricular do curso de Educação Física e implementação do curso noturno. Salvador, LEPEL/FACED/UFBA. Colegiado e Departamento de Educação Física, 2003.

Endereço para correspondência:  
Grupo LEPEL/FACED/UFBA  
Avenida Reitor Miguel Calmon, s/n  
Vale do Canela  
40110 100 - Salvador – Bahia  
[taffarel@ufba.br](mailto:taffarel@ufba.br)  
[adridago@yahoo.com.br](mailto:adridago@yahoo.com.br)  
[grapiuna@pop.com.br](mailto:grapiuna@pop.com.br)

Recebido: mar/2006  
Aprovado: maio/2006